

A MORDIDA DE EVA: UMA REFLEXÃO SOBRE O PERCURSO OPRESSOR AO CORPO FEMININO

THE EVA'S BITE: A REFLECTION ABOUT THE OPPRESSOR PATHWAY TO THE FEMALE BODY

Lana de Araújo Gomides / UFG
Thiago Fernando Sant'Anna / UFG

RESUMO

No decorrer da história diferentes discursos construíram visualidades sobre o corpo da mulher. Foram tais construções culturais que originaram permissividades, na maioria das vezes, negativas para o posicionamento desse sujeito no meio social. A relevância de rememorar os começos permite ao ser humano se libertar das possíveis amarras que dispositivos de controle operam sobre o mesmo. Nesta escrita, foi empreendida uma análise de uma ilustração da artista latino-americana Carolina Ghigliazza Sosa disponibilizada através da exposição digital "soy mujer, soy latinoamericana" (edição de 2015). A leitura da visualidade permitiu uma discussão sobre as prováveis raízes das opressões exercidas sobre o corpo feminino, especialmente a partir do controle da Igreja Católica.

PALAVRAS-CHAVE

Arte; Feminismo; Igreja Católica; Opressão.

ABSTRACT

In the course of history different discourses built visualities on the woman's body. These cultural constructions originated permissivities, in most cases, negative for the positioning of this subject in the social environment. The relevance of remembering the beginnings allows the human being to be freed from the possible restraints that control devices operate on it. In this writing, an analysis was undertaken of an illustration by the Latin American artist Carolina Ghigliazza Sosa made available through digital exposure "soy mujer, soy latinoamericana" (2015 edition). The reading of visuality allowed a discussion about the probable roots of oppression exerted on the female body, especially from the Catholic Church's control.

KEYWORDS

Art; Feminism; Catholic Church; Oppression.



Figura 1. Carolina Ghigliazza Sosa - Ilustração Sem Título, 2015. 15 x 9 cm. Fonte: Exposição Digital soy mujer, soy latinoamericana.

Os discursos sobre as origens são cheios de nuances, de condições de produção particulares e de zonas de interesses demarcadas. Enunciar ou não enunciar a origem de algo não é uma prática inocente e produz sentidos. É possível enxergar as origens em inúmeras instâncias durante diversas experiências no Ocidente, porém tal exercício exige empenho, já que há mãos invisíveis que operam sobre os sentidos que circulam em meio às sociedades contemporâneas. Meras distrações que nos são propostas no dia a dia são estrategicamente impostas para que as raízes de assuntos pertinentes e de profundidade intelectual não se tornem evidentes no processo de educação dos sujeitos.

A experiência de enunciar as origens está marcadamente relacionada à experiência educacional e vale reforçar que a educação formal não é a única fonte de conhecimento, uma vez que as práticas culturais se originam ainda no berço familiar

GOMIDES, Lana de Araújo; SANT'ANNA, Thiago Fernando. A mordida de Eva: uma reflexão sobre o percurso opressor ao corpo feminino, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p.72-86.

de forma com que a criança desenvolva princípios baseados nos valores construídos entre os pais. Mas, de onde vêm as perspectivas educacionais que são repassadas para um sujeito em construção? Como são estruturadas as “verdades” que circulam de um meio a outro?

Daí a importância de se pensar nos discursos sobre as origens. Tomamos como proposta a ilustração (figura 1) da artista argentina Carolina Ghigliazza Sosa para discutir a potencialidade das origens do corpo feminino, bem como as visualidades que foram atribuídas a ele. Sua pluralidade fez com que a desenhista de quadrinhos, cientista política e feminista, Liv Strömquist, alcunhasse uma de suas obras como “A Origem do Mundo. Uma História Cultural da Vagina ou A Vulva Vs. O Patriarcado”. Observar a ilustração de Sosa (2015) e o título do trabalho de Strömquist (2018) nos permite pensar na situação prolongada em que o potencial das mulheres é questionado e barrado para que haja uma permanência da hegemonia masculina.

Na contramão dos discursos hegemônicos no Ocidente acerca das origens – com o discurso religioso - Sosa inscreve em sua obra um choque de origens. A vulva é fonte, principalmente, de vida e prazer. A religião, representada pela cruz, é disseminadora de ideologias que são recebidas por grande parte dos sujeitos como “verdades”. Em alguns momentos da história da sociedade – e diríamos da Idade Média aos tempos contemporâneos – um discurso de origem apontou a outra como pecaminosa, o que desencadeou na construção de um imaginário em que a mulher poderia ser vista como inferior ao homem.

O sangue na ilustração pode instigar duas interpretações. Primeiro, visualizar um sangue proveniente da vulva gera uma relação direta com a menstruação, alteração biológica exclusiva do corpo feminino. Justamente essa singularidade foi (e ainda é) alvo de especulação e motivo para “crucificar” a mulher como impura, suja e fétida. Um processo natural ao seu corpo se tornou alvo de tabus que até os dias atuais estão incrustados no imaginário popular em diferentes proporções, a depender do

contexto cultural. Por exemplo, enquanto na Inglaterra já existem propagandas de absorvente que usam a cor vermelha para representar o sangue ao invés de demonstrar a menstruação com a coloração azul, na Índia a taxa cobrada sobre os absorventes é a mesma atribuída a itens de luxo, o que faz com que a maior parte da população feminina tenha problemas como infecção e dificuldade para conviver no meio social durante o período menstrual.

Não é possível afirmar que apenas a Igreja – desde os tempos medievais - cultivou tabus relacionados à menstruação. Mas, sua pedagogia cultural teve uma preponderante influência sobre o assunto. Não é por acaso que Sosa inscreve em sua ilustração uma perspectiva religiosa em contraponto com a vulva. A Igreja Católica, como instituição, é detentora de poder e se utiliza deste para exercer controle sobre a sociedade, o que não deixa de ser uma forma de pedagogia. É importante frisar que ela não atua sozinha, mas, sim, em articulação com outras formas de poder, como o Estado e as instituições formais de educação, por exemplo. Seria o que Michel Foucault (2001) apontou como uma rede de dispositivos de controle, os quais podem ser entendidos como

(...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 2001, p. 244).

É possível dizer que um dos maiores indícios de que a Igreja originou implicações negativas quanto ao corpo da mulher está nos escritos da Bíblia. Há passagens do livro de Levítico que fazem menção explícita ao sangue menstrual:

19 Mas, quando a mulher tiver fluxo de sangue, e seu fluxo estiver em seu corpo, estará afastada por sete dias, e qualquer um que a tocar será imundo até a noite. 20 E tudo aquilo sobre o que ela se deitar enquanto estiver menstruada será imundo; e também tudo aquilo sobre o que se assentar será imundo. [...] 24 E se qualquer homem se deitar com ela, e sua menstruação estiver sobre ele,

GOMIDES, Lana de Araújo; SANT'ANNA, Thiago Fernando. A mordida de Eva: uma reflexão sobre o percurso opressor ao corpo feminino, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p.72-86.

imundo será por sete dias; e também toda a cama sobre que ele se deitar será imunda. [...] 28 Porém, quando sarar de seu fluxo, contará sete dias, e depois será limpa. 29 No oitavo dia, tomará consigo duas rolas, ou dois pombinhos, e os trará ao sacerdote, à porta do Tabernáculo de reunião; 30 e o sacerdote oferecerá um para oferta pelo pecado, e outro para holocausto; e a purificará o sacerdote diante do SENHOR do fluxo de sua impureza. (BÍBLIA SAGRADA, 2009, p. 143).

O discurso acima, além de caracterizar a menstruação como algo impuro, funciona como uma cartilha de orientações para que os sujeitos saibam lidar com a “ameaça”. Porém, essa passagem bíblica pode ter origens mais profundas do que os sujeitos poderiam identificar num primeiro momento. Cabe repensar a instrução dada à mulher de procurar o sacerdote para se purificar. Qual poderia ser a origem desse interesse?

Quando se fala de poder e controle é necessário se atentar às formas com as quais as instituições operam sobre a sociedade. A procura, por parte da mulher, para a suposta purificação após o período menstrual pode fornecer informações importantes para a Igreja. É possível averiguar a possibilidade de aumento da prole em uma família ou se as mulheres solteiras estão se comportando de acordo com os moldes esperados para a época em que foram produzidos esses escritos, por exemplo.

Já uma segunda interpretação para a ilustração do sangue na obra de Sosa seria a representação do embate feminista contra os preceitos impostos pela religião, especificamente a Igreja Católica, que, como comentado acima, proferiu em diferentes momentos da história discursos que reduziam o corpo da mulher à impureza e ao perigo. Ou seja, a leitura dos sentidos de uma imagem é sempre uma leitura posicionada e ancorada em perspectivas sócio-históricas pertinentes a um grupo social. Ninguém é proprietário do campo de produção de sentidos, mas ele obedece às zonas táticas e estratégias de enunciação.

GOMIDES, Lana de Araújo; SANT'ANNA, Thiago Fernando. A mordida de Eva: uma reflexão sobre o percurso opressor ao corpo feminino, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p.72-86.

Algo que por muito tempo permaneceu (e ainda permanece em diferentes graus ainda num mesmo contexto cultural) como uma normalidade foi o fato de a mulher se sacrificar pelo lar/família, por mais que essa realidade ferisse sonhos e objetivos pessoais. Ao produzir a imagem da cruz, a qual representa uma das maiores instituições de poder da nossa história, a artista foi capaz de articular a visualidade de tal forma que nos faz repensar a lógica na qual estamos inseridos.

Muitas pessoas podem encarar a cruz penetrada na vulva como uma ofensa a Deus justamente pela imagem imaculada que a Igreja construiu para si ao se vincular ao divino. Nesse sentido, a educação formal poderia ser uma potência na quebra da intolerância. Porém, como diria Foucault (2000), em determinados momentos históricos algumas coisas são possíveis, enquanto outras não. Será que no momento atual político em que vivemos no Brasil, por exemplo, a escola pode ser instrumento para quebrar intolerâncias? Afinal, ela atua numa rede em conjunto com outros dispositivos de controle.

A mão invisível das esferas de poder atua de forma estratégica de modo que os sujeitos julgam, num sentido negativo, com mais facilidade uma contravisualidade, como a de Sosa, do que as visualidades arbitrárias que nos são impostas.

A visualidade era considerada masculina, em tensão com o direito a olhar que tem sido descrito em diferentes situações como feminino, lésbico, *queer*, ou trans [...] O direito a olhar é, então, a reivindicação por um direito ao real. É o limite da visualidade, o lugar onde tais códigos de separação encontram uma gramática da não-violência (significando uma recusa à segregação), como forma coletiva. Confrontados com esta dupla necessidade de apreender e contrariar um real que existe, mas não deveria, e um que deveria existir, mas ainda está em devir, a contravisualidade tem criado uma variedade de formatos realistas estruturados em torno destas tensões. (MIRZOEFF, 2016, p. 747-749).

Logo, é possível apontar que existe uma realidade em que as mulheres são crucificadas ao serem moldadas numa série de comportamentos e obrigações, mas,

a visualidade dessa situação é normatizada a ponto de ser mais lógico pensar na contravisualidade representada na figura 1 como uma agressão à Igreja do que uma crítica que serve de alerta para as concepções que se tem do sujeito feminino.

A artista consegue sintetizar de forma exitosa algumas complexidades enfrentadas pelas mulheres. A cruz agride diretamente a genitália própria do corpo feminino. A intensidade da violência com que os discursos religiosos arrebatam esse sujeito é representada pela grande quantidade de sangue que escorre entre as pernas da mulher da ilustração. O percurso desse rio vermelho traz à memória as marcas da maternidade como destino obrigatório para a realização pessoal, o sacrifício de se doar ao lar e a premissa de carregar consigo uma característica de personalidade dócil e amável, pois, caso contrário, a acusação imediata é a histeria, além de suscitar as regras interiorizadas de que a vulva deve ter um cheiro bom, a menstruação deve ser mantida em segredo absoluto, os pelos devem ser retirados, entre outras tantas expectativas que são impostas a esse sujeito que trazem as marcas de uma violência “invisível”. Ou seria uma violência hegemonicamente aceitável?

Rosa Maria Bueno Fischer (2001) descreve, a partir de suas pesquisas, a existência de enunciados importantes sobre a construção da subjetividade feminina adolescente. Seriam elas:

[...] a) sempre haveria uma indissociável ligação entre o fato biológico e a condição de ser mulher; b) a feminilidade seria “dada” por um conjunto de características originadas da condição biológica, como a do ‘mistério feminino’ (relacionado basicamente à possibilidade de ser mãe), ao mesmo tempo que por uma “necessária” disponibilidade dos corpos da menina e da mulher a se sujeitarem a técnicas disciplinares, cuidados e tratamentos, indispensáveis à conquista amorosa; c) a mulher-menina, hoje, não abre mão de eventuais lideranças, de atividades intelectuais e até esportivas, mas jamais pode descuidar-se do aperfeiçoamento do corpo, ao mesmo tempo que não deve se esquecer da “verdadeira beleza”, a chamada beleza interior, o que os estilistas e profissionais do mundo da moda chama

de “personalidade”; d) o discurso da sexualidade adolescente incorpora medos (AIDS), retoma discursos conservadores (elogio da virgindade e do comportamento de “boa-moça [...]” (FISCHER, 2001, p. 595-596).

Ainda que o foco da pesquisa de Fischer (2001) seja relacionado à educação que a mídia transmite para uma padronização dos modos de ser mulher, o que não podemos perder de vista é que ela opera numa rede para estabelecer uma normatização de sentidos sobre esse corpo. Assim, as telenovelas, os filmes, os programas de auditório, entre outros, atuam em conjunto com instituições (o Estado e a Igreja, por exemplo) como engrenagens no dispositivo da sexualidade que constitui os corpos das mulheres e as assujeitam como dóceis.

No caso da religião, o discurso é comumente configurado em formato de sermões durante os encontros dos fiéis também com a premissa de educá-los. Recentemente, no contexto político brasileiro, a integração das esferas de poder tem se tornado evidente. A atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, afirmou que, segundo a doutrina cristã, o homem é o líder do casamento, apontando, então, que a mulher deve ser submissa à figura masculina, porque essa é uma questão de fé. Tal pronunciamento foi feito pela ministra dentro da comunidade evangélica na qual atua como pastora.

Num cenário como esse, como é possível propiciar o reposicionamento dos sujeitos de forma com que eles possam entender que as identidades pré-fixadas podem ser questionadas, como propôs Fernando Hernández (2011, p. 47)? Nesses momentos a busca e o reforço dos discursos pelas origens se faz necessária a fim de escapar da nebulosidade que encobre a sociedade ocidental contemporânea com preconceitos, opressões e intolerância.

[...] se não podemos compreender e intervir no mundo é porque não temos a capacidade de repensá-lo e oferecer alternativas [...] Todo o anterior é um convite para ir além dos limites impostos por quem considera que a arte e as práticas artísticas se referem não só a

aquilo que fazem os artistas para os circuitos expositivos ou para as coleções privadas e que o trabalho na educação é nos aproximar deles para conhecer histórias, intenções e modos de fazer. (HERNÁNDEZ, 2011, p. 46).

O atual governo brasileiro parece empreender uma estratégia eficiente para controle da sociedade ao intencionar modificar conteúdos de livros didáticos, como os da disciplina de História, por exemplo. Encaixa-se perfeitamente nessa fala de Hernández (2011) sobre a incapacidade de repensar a situação em que se vive para formar resistência. Se os sujeitos em formação não conhecem os fatos que constituíram o passado, as chances de reconhecer velhos perigos a fim de evitar que eles se repitam diminuem consideravelmente. Já os detentores de poder, por ter conhecimento sobre as estruturas que os mantiveram no controle no passado, se sentem ameaçados diante da proliferação de conhecimentos daquilo que envolve a posição em que se encontram e do que articulam para a vigilância social.

Já me dirão que muitas escritoras-sem-filhos estão marcadas por uma liberdade sexual que foi entendida, até agora, como estranheza. É verdade que sobre muitas delas correram mais do que rumores de *desvio*. Mas também é preciso notar que essa palavra, feita acusação, nunca foi alheia às escritoras: mesmo antes de *estranhas* foram taxadas de *prostitutas*: o autor de *Madame Bovary* [...] assegurou, por interposta pessoa (quer dizer, citando outros sem discutir seus ditos em seu *Dicionário de lugares comuns*), que “uma mulher artista não pode ser mais do que uma rameira”. Era uma vergonha, segundo o conservador Flaubert e seus colegas, que uma mulher se dedicasse à arte. Inclusive que uma mulher lesse em excesso poderia constituir um perigo. Era necessário impedir isso levantando acusações. (MERUANE, 2018, p. 94-95).

A leitura é uma arma em potencial para a resistência quando o sujeito já não aceita as normatizações que lhe foram impostas. No caso da mulher, como a escritora feminista Lina Meruane (2018) comenta, uma das libertações mais recentes e que incomoda a sociedade como um todo (o que também inclui muitas mulheres) é o fato de ela não querer ser mãe. “As próprias mulheres colaboraram na criação e na manutenção dessa imagem que depois outras teriam que destruir a pauladas”

GOMIDES, Lana de Araújo; SANT’ANNA, Thiago Fernando. A mordida de Eva: uma reflexão sobre o percurso opressor ao corpo feminino, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p.72-86.

(MERUANE, 2018, p. 47). Isso nos leva a pensar na cruz ilustrada por Sosa como o velho discurso impositivo de que todas nasceram para a maternidade. Aquelas que não encaixam os filhos em seus planos de vida são verdadeiras aberrações sociais que não cumpriram seu papel. Seus órgãos sexuais, sempre lembrados a partir da reprodução, são encarados como uma máquina sem serventia. Mais uma vez a cruz se encarrega de condenar a vulva.

A parte verbal da visualidade de Sosa (“Madre no los perdones si saben lo que hacen”, que pode ser traduzido como “Mãe não os perdoe se sabem o que fazem”) reforça a premissa de que as instituições possuem uma ampla visão do que pode ser a origem de problemas que ameaçariam a sua subsistência. Na verdade, não é apenas sobre grandes órgãos de poder, mas, inclusive, os sujeitos masculinos comuns também praticam atrocidades contra as mulheres. Daí o aspecto de sororidade clamado pela locução verbal: a mulher não procura amparo na figura divina masculina, que seria Deus, o Pai. “Madre” é a única figura capaz de ter empatia pela situação.

Ainda sobre as origens, Strömquist (2018) relembra o mito da criação ao mencionar que Santo Agostinho pensava no sexo como um pecado proveniente de Adão e Eva. Em síntese aos pensamentos da obra *Confissões* do teólogo e filósofo, escrita entre os anos 397 e 398, a autora ironiza o ponto de vista de Santo Agostinho:

A mulher é especialmente pecaminosa e suja – já que foi por culpa de Eva que Adão comeu do fruto proibido. A mulher é simplesmente portadora de imunda tentação. Portanto, o corpo da mulher e, acima de tudo, a genitália feminina se tornaram a antítese do divino. (STRÖMQUIST, 2018, p. 13).

No período de caça às bruxas, entre os séculos 15 e 18, a suspeita tinha seus órgãos genitais analisados para confirmar se era uma bruxa. O clitóris era visto como uma anomalia e, então, a mulher tinha a acusação confirmada. Ou seja, provavelmente todas as mulheres que eram capturadas por não seguirem os

padrões impostos naquela época foram condenadas pela naturalidade de seus corpos.

Por exemplo, em 1593, durante um processo de bruxaria, o carrasco examinador notou, na genitália da mulher suspeita, “um pequeno pedaço de carne que se protuberava feito um mamilo, com cerca de meia polegada de comprimento”. O carrasco (que, aliás, era um homem casado) tirou a conclusão de que deveria ser a marca do diabo. (STRÖMQUIST, 2018, p. 19).

A acusação das genitálias femininas como algo demoníaco levou a agressões hediondas e tal percurso histórico foi construído a partir de uma imposição invisível da ausência de conhecimento. Apesar de haver meios para o entendimento do corpo na época, a negligência era um fator mais favorável para a manutenção dos homens como sujeitos hegemônicos.

A negligência em relação ao corpo feminino ainda possui suas bases em nossa sociedade atual. Isso pode ser traduzido nas estatísticas de mulheres não diagnosticadas a tempo sobre doenças que foram encaradas por ginecologistas como “dor normal de mulher”, nos inúmeros casos de violência obstétrica, no impedimento de decisão sobre o aborto, na despreocupação dos parceiros em relação ao orgasmo e satisfação sexual da mulher, entre tantos outros casos que podem ser incorporados na visualidade daquela cruz que agride a vulva na figura 1. Talvez seja por isso que a artista construiu uma imagem em que a face da mulher está escondida, afinal, ninguém a vê. Anônima, ninguém decifra seu rosto. No lugar de “a mulher”, ela representaria, portanto, “as mulheres”!

O racismo é uma questão que cabe ser discutida a partir da contravisualidade de Soso, porque esta construiu uma representação feminina cuja coloração da pele e tipo de cabelo são característicos da mulher preta.

Além das agressões contidas nos discursos da Igreja contra a mulher, ainda há o preconceito étnico-racial. Entre os séculos 16 e 19 a Igreja Católica promoveu sua fé

reprimindo os valores da cultura negra. Quilombos sofreram ataques e seus seguidores foram perseguidos e massacrados. O preconceito contra as religiões de matriz africana e erguidas por escravos ainda existe de forma intensa, porém é velado pela mídia e é de desinteresse do Estado.

Sabemos que as religiões de matrizes africanas, como o candomblé e a umbanda, são frequentemente alvo de preconceito e seus frequentadores e adeptos sofrem cotidianamente com agressões e ataques físicos e simbólicos contra seus símbolos e casas institucionais de culto, popularmente conhecidas como casa de santo/axé, roça ou terreiros [...] O resultado dessa força opressora estruturada e organizada na sociedade usa equivocadamente a religião (quase sempre cristã) como justificativa para demonizar as divindades cultuadas pelos povos de matrizes africanas, acirrando as relações interpessoais e de forma categórica, praticando o racismo institucional e religioso nas entrelinhas deste processo [...] somente com uma mudança estrutural da educação na sociedade brasileira podemos trazer resultados efetivos quando o assunto é igualdade racial e religiosa. O exemplo do samba e da capoeira, que em outros períodos da história eram proibidos, servem de referências para o combate ao preconceito, e nos motivam para lutar pela proteção da população que tem suas referências nas religiões de matrizes africanas. Infelizmente, não podemos afirmar que já tivemos os mesmos avanços das políticas públicas que as expressões culturais citadas acima obtiveram. Porém, nos resta resistir e lutar para que todo povo brasileiro, tenha garantida a efetivação dos seus direitos. (JUNIOR, 2016).

Mais uma vez a educação assume papel preponderante para esclarecimento das origens e valorização de culturas que sofreram diversas tentativas de ataque pelo processo de ocidentalização. Dentro das religiões de origem africana, as mulheres possuem lugar de liderança, uma vez que as escravas recebem alforria antes dos homens. Logo, elas se organizaram para preservar e desenvolver a cultura de seu povo. A raiz desse percurso é de conhecimento de poucos. Assim, as mulheres, nessa situação, tem sua importância ignorada e ainda há os ataques multiplicados a um corpo que, além de feminino, é preto.

A ialorixá Winnie Bueno, do Terreiro Ilê Ialorixá Iemanjá localizado em Pelotas (RS), faz o seguinte relato em entrevista ao Grupo Jornalismo Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul:

Quando eu saio com as minhas contas, já é o suficiente para estar alvo de alguma situação de violência. Pra além de ser mulher, pra além de ser negra, o fato de ser ialorixá também me coloca com mais força no mundo, com certeza, mas também me coloca em situações de vulnerabilidade social mais aprofundadas. (BUENO, 2016).

Aproximações Finais

Munidos de um olhar atento às relações entre as imagens menores na imagem artística em questão, buscamos dar relevo a alguns sentidos possíveis e plausíveis. Em uma rápida pesquisa na Internet sobre a artista Carolina Ghigliazza Sosa, percebemos que quase nada se encontra sobre ela e absolutamente nada sobre o que ela relata sobre sua ilustração, por isso legendada como “sem título”. Foi possível ter acesso a ela devido à sua inserção na exposição digital “soy mujer, soy latinoamericana” (edição de 2015), a qual foi proposta pela artista visual e curadora Lúcia Avancini como uma forma de valorizar e visibilizar as obras de mulheres latino-americanas.

A ilustração provoca muitas reflexões que, infelizmente, não cabem neste espaço. Por isso, neste momento chegamos apenas a aproximações finais. As discussões sobre as origens às agressões ao corpo da mulher, físicas ou psicológicas, devem ser lembradas por toda a caminhada das sociedades, uma vez que elas sempre terão ligação com os possíveis futuros dos sujeitos.

Como diria Lina Meruane, “a cada êxito feminista se seguiu um retrocesso, a cada golpe feminino um contragolpe social destinado a domar os impulsos centrífugos da liberação” (MERUANE, 2018, p. 17). O mesmo se dá com a educação. Por mais que haja instâncias que perturbem a liberdade nos âmbitos educacionais, ela também

atua, em sociedade, como palco de resistência para que as origens não fiquem limitadas ao tempo de ocorrência.

Referências

A MULHER NAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA. Disponível em:
<https://www.ufrgs.br/jordi/162-raizes>. Acesso em: 29 abr. 2019.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução e edição autorizada da Bíblia Reina-Valera 1997. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica Intercontinental do Brasil, 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Estudos Feministas**, [online], v. 9, n. 2, p. 586-599, 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200015>. Acesso em: 30 abr. 2019.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

HERNÁNDEZ, Fernando. **A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito**. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (org.). Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

JUNIOR, Walmyr. **Racismo religioso é o retrato da intolerância no Brasil**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/racismo-religioso-e-o-retrato-da-intolerancia-no-brasil/>. Acesso em: 29 abr. 2019.

MERUANE, Lina. **Contra os filhos**. São Paulo: Todavia, 2018.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. **Educação Temática Digital**, v. 18, n.4, p.745-768, 2016. Disponível em:
<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>. Acesso em: 30 abr. 2019.

SOY MUJER, SOY LATINO AMERICANA. Disponível em:
<https://www.soymujersoylatinoamericana.com>. Acesso em: 29 abr. 2019.

STRÖMQUIST, Liv. **A origem do mundo**. Uma história cultural da vagina ou a vulva VS. o patriarcado. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2018.

GOMIDES, Lana de Araújo; SANT'ANNA, Thiago Fernando. A mordida de Eva: uma reflexão sobre o percurso opressor ao corpo feminino, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p.72-86.



28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas
Origens - Cidade de Goiás - 16 a 20 de setembro de 2019

Lana de Araújo Gomides

Graduada em Comunicação Social - com habilitação em Publicidade e Propaganda - pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente, é mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás, onde pesquisa pela Linha de Pesquisa "Culturas da Imagem e Processos de Mediação". E-mail: contatolanagomides@gmail.com.

Thiago Fernando Sant'Anna

Graduado em História e em Serviço Social. Doutor em História pela UNB, na Área de Concentração em Estudos Feministas e de Gênero; Pós-Doutor em Arte e Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais, da UFG, onde atua como professor permanente na Linha de Pesquisa "Culturas da Imagem e Processos de Mediação". É professor de História da Arte e Estética e Antropologia Urbana do curso de graduação Arquitetura e Urbanismo da UFG (Cidade de Goiás). E-mail: thiagof.santanna@yahoo.com.br.

GOMIDES, Lana de Araújo; SANT'ANNA, Thiago Fernando. A mordida de Eva: uma reflexão sobre o percurso opressor ao corpo feminino, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p.72-86.